

GÊNERO E ESTILO

Genre and style

Iara Bemquerer Costa*

RESUMO

São apresentadas inicialmente duas abordagens do estilo: uma fundada no conceito de desvio em relação a uma norma, outra nas escolhas linguísticas previstas para cada gênero discursivo. Ambas destacam a relação entre o estilo do gênero e o estilo individual, conceitos complementados pela abordagem do estilo como resultado de um agrupamento, o qual está relacionado ao conceito de *ethos* e permite caracterizar o estilo de um autor, um jornal, uma revista, ou uma campanha publicitária. Os três níveis de análise do estilo são usados para o estudo das formas de expressão da intertextualidade em artigos de opinião publicados na mídia impressa.

Palavras-chave: *gênero; estilo; intertextualidade.*

ABSTRACT

Two approaches to style are presented in this article: one is grounded on the concept of deviation to a norm, the other on the expected language choices for each discourse genre. Both highlight the relationship between genre style and individual style, concepts that are complemented by the approach of style as the result of a clustering, which is related to the concept of *ethos* and allows the characterization of an author, a newspaper, a magazine or an ad campaign style. The three levels of style analysis are used for the study of the forms of expression of intertextuality in opinion articles in printed media.

Keywords: *genre; style; intertextuality.*

* Professora sênior – Curso de Pós-Graduação em Letras – UFPR.

INTRODUÇÃO

Na concepção bakhtiniana, o estilo é um dos três elementos caracterizadores dos gêneros do discurso, ao lado do tema e da composição. O estatuto que Bakhtin atribui ao estilo mostra o reconhecimento de que existem padrões sociais de utilização dos recursos linguísticos, que permitem relacionar de forma estável cada gênero com seu estilo. Por outro lado, Bakhtin aponta a possibilidade de ruptura desses padrões nas ocorrências discursivas particulares e mobiliza os conceitos de estilo do gênero e estilo individual para assinalar a diferença entre o tratamento do estilo nos gêneros e nos enunciados.

Vários estudos sobre o gênero partem da perspectiva de que há uma tensão entre as normas estabelecidas socialmente e sua ruptura na produção discursiva: Fiorin (2008) e Discini (2004) definem estilo a partir do desvio em relação a uma norma; Fix (2006) estabelece uma relação análoga a partir dos conceitos de cânone e dissolução do cânone. A associação entre a norma/cânone e o estilo do gênero e entre o desvio/dissolução do cânone e o estilo individual é óbvia.

Já Possenti (1988, 2002) utiliza um conceito de estilo centrado nas possibilidades de escolha disponíveis na língua e no trabalho individual do autor para obter determinado efeito de sentido, ou seja, adota uma concepção de estilo centrada na relação entre a língua e o discurso. Seu objeto de análise corresponde ao que Bakhtin chama de estilo individual, com a ressalva de que Possenti não toma como referência para as opções estilísticas o padrão do gênero, mas as opções do sistema linguístico.

Pretendemos neste artigo discutir a relação entre gênero e estilo levando em conta questões levantadas por esses autores. É necessário não perder de vista que qualquer análise de questões estilísticas opera necessariamente com marcas linguísticas, uma vez que o estilo diz respeito às escolhas do autor nos mais diversos níveis de organização do discurso para obter determinado resultado. O estilo não remete ao “quê” o autor diz, mas a “como ele diz”, conforme mostra Possenti (2002, p.105), ao fazer uma analogia entre a qualidade dos textos (associada diretamente ao estilo) e a resposta que o músico americano Louis Armstrong teria dado à pergunta “*o que é o jazz?*”: “*o jazz não é um o quê, o jazz é um como*”.

Para discutir a relação entre gênero e estilo, vamos colocar em foco um gênero específico – o artigo de opinião da mídia impressa – e analisar o estilo a partir das escolhas feitas por dois jornalistas para a citação da palavra alheia.

2. APONTAMENTOS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE GÊNERO E ESTILO

Deixemos claro, inicialmente, que só nos interessam as abordagens do estilo a partir de uma perspectiva discursiva, o que exclui inicialmente do horizonte os estudos voltados para a relação entre marcas linguísticas consideradas isoladamente (diminutivos, adjetivos, recorrências sonoras) e os resultados estilísticos associados a seu emprego. Tomemos como ponto de partida o conceito bakhtiniano de estilo do gênero, revelador da existência de normas de uso da linguagem associadas de forma estável aos gêneros discursivos:

De fato, o estilo linguístico ou funcional nada mais é senão o estilo de um gênero peculiar a uma dada esfera da atividade e da comunicação humana. Cada esfera conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos. Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. (BAKHTIN, 1992, p. 283-284)

Nesta concepção, as formas linguísticas são selecionadas em contextos discursivos específicos, construídos histórica e socialmente, quer dizer, em uma relação de correspondência com os gêneros. Esta abordagem social dos gêneros estabelece as balizas a partir das quais o enunciador faz as escolhas linguísticas ao formular seus discursos (enunciados, na denominação bakhtiniana).

Bakhtin reconhece também a existência de diferenças entre os gêneros sob o ponto de vista da rigidez ou flexibilidade de suas características estilísticas. Sugere que alguns gêneros seriam mais rígidos, deixando ao autor poucas possibilidades de imprimir ao discurso marcas individuais, enquanto outros seriam caracterizados pela predominância de tais marcas.

Mas nem todos os gêneros são igualmente aptos para refletir a individualidade na língua do enunciado, ou seja, nem todos são propícios ao estilo individual. Os gêneros mais propícios são os literários – neles o estilo individual faz parte do empreendimento enunciativo enquanto tal e constitui uma de suas linhas diretrizes [...]. As condições menos favoráveis para refletir a individualidade na língua são as oferecidas pelos gêneros do discurso que requerem uma forma padronizada, tais como a formulação do documento oficial, da ordem militar, da nota de serviço, etc. (BAKHTIN, 1992, p. 283)

Pode-se perceber nas formulações de Bakhtin o embrião de duas tendências de análise da relação entre gênero e estilo: uma centrada na relação entre a norma e o desvio e outra na rigidez ou flexibilidade do estilo do gênero, o que daria ao autor possibilidades de escolha mais amplas ou reduzidas. Entre as concepções de estilo que apontamos, Fiorin (2008), Discini (2004) e Fix (2006) seguem a primeira tendência, enquanto Possenti (1988, 2002) aproxima-se da segunda, com a particularidade de tomar a língua e não o gênero como referência.

Para Possenti (1988, 2002), o estilo do discurso é resultado do trabalho do autor, que faz escolhas entre os recursos disponíveis na língua para obter determinado efeito de sentido. Possenti analisa o papel do estilo em cada texto particular e na relação com o tratamento do tema. Segundo ele,

... se o locutor busca, dentre os possíveis, um dos efeitos que quer produzir em detrimento dos outros, terá que escolher dentre os recursos disponíveis, terá que “trabalhar” a língua para obter o efeito que intenta. E nisto reside o estilo. No *como* o locutor constituiu seu enunciado para obter o efeito que quer obter. (POSSENTI, 1988, p. 158. Grifo do autor)

Fiorin (2008) e Discini (2004) assumem uma perspectiva diferente: tomam como ponto de partida a tradição dos estudos estilísticos no campo da literatura e a transpõem para uma abordagem discursiva do estilo, um conjunto de princípios já observados na produção literária. Para esses autores, o estudo do estilo tem necessariamente um nível além dos previstos por Bakhtin (1992). A recorrência de marcas linguísticas permite reconhecer o estilo de um autor, uma época, um jornal ou revista, uma área de conhecimento. Essa recorrência de opções estilísticas projeta uma imagem do enunciador, que corresponde ao conceito de *ethos*, formulado inicialmente na retórica clássica e incorporado pela Análise do Discurso francesa. Os princípios definidores do estilo para esses autores são sintetizados por Fiorin:

Neste momento, o que se faz é uma tentativa de definir o estilo e operar uma análise estilística a partir de teorias do texto e do discurso, principalmente a Semiótica francesa e a Análise do Discurso de linha francesa. Nessa concepção, é preciso levar em conta, principalmente, os seguintes aspectos: a) o estilo é recorrência; b) é um fato diferencial; c) produz um efeito de sentido de individualidade; d) configura um *ethos* do enunciador, ou seja, uma imagem dele; e) é heterogêneo, seja no modo real de sua constituição (heterogeneidade constitutiva), seja na superfície textual (heterogeneidade marcada). (FIORIN, 2008, p. 109)

A afirmação de que um dos resultados das escolhas estilísticas em um texto é a projeção da uma imagem do autor, seu *ethos*, incorporada por Fiorin (2008) e Discini (2004), não é nova: já está presente nos estudos sobre o estilo literário e mesmo no trabalho de Possenti, que reconhece o efeito das escolhas estilísticas sobre a imagem do autor, mas não estuda a questão por considerá-la psicologizante e pouco objetiva (POSSENTI, 1988, p. 158-160). Os estudos de Discini e Fiorin foram elaborados em outro momento dos estudos discursivos, após a incorporação do conceito de *ethos* pela Análise do Discurso, a partir dos trabalhos de Maingueneau (2005, 2006, 2008).

Assumimos, a partir desses autores, que é possível analisar a relação entre estilo e *ethos* sem apelar para afirmações psicologizantes. Para reforçar essa posição, cabe aqui retomar o conceito de *ethos* formulado de forma esclarecedora por Fiorin (2008, p.139):

Em termos mais atuais, dir-se-ia que o *ethos* não se explicita no enunciado, mas na enunciação. Quando um professor diz *eu sou muito competente*, está explicitando uma imagem sua no enunciado. Isso não serve de prova, não leva à construção do *ethos*. O caráter de pessoa competente constrói-se na maneira como organiza as aulas, como discorre sobre os temas, etc. À medida que ele vai falando sobre a matéria, vai dizendo *sou competente*. Como vimos antes, a enunciação não é da ordem do inefável. Por conseguinte, o *ethos* explicita-se na enunciação enunciada, ou seja, nas marcas da enunciação deixadas no enunciado. Portanto, a análise do *ethos* do enunciador nada tem do psicologismo que, muitas vezes, pretende infiltrar-se nos estudos discursivos. Trata-se de apreender um sujeito construído pelo discurso e não uma subjetividade que seria a fonte de onde emanaria o enunciado, de um psiquismo responsável pelo discurso. O *ethos* é uma imagem do autor, não é o autor real; é um autor discursivo, um autor implícito. (Grifos do autor)

Segundo Maingueneau (2006, p. 60), “o *ethos* é uma noção discursiva, ela se constitui por meio do discurso, não é uma ‘imagem’ do locutor exterior à fala.” Nessa perspectiva, a relação entre o estilo e a construção do *ethos* é clara:

Desde que haja enunciação, alguma coisa da ordem do *ethos* se encontra liberada: por meio de sua fala, um locutor ativa no intérprete a construção de uma certa representação de si mesmo, colocando em perigo seu domínio sobre a própria fala; é-lhe necessário, então, tentar controlar, mais ou menos confusamente, o tratamento interpretativo dos signos que ele produz. (MAINGUENEAU, 2006, p. 70)

A construção discursiva da imagem do autor se faz através de seu estilo, das escolhas linguísticas de que se serve para se apresentar aos interlocutores: “As ‘ideias’ suscitam a adesão do leitor por meio de uma *maneira de dizer* que é também uma *maneira de ser*.” (MAINGUENEAU, 2006, p. 70). As formas *como* o autor organiza seu texto/discurso são interpretadas como reveladoras do que ele é, sua imagem é construída/interpretada a partir do estilo.

Fix (2006) chama a atenção para uma forma particular de dissolução dos padrões estilísticos fixados socialmente para os gêneros publicitários. Segundo ela, uma forma atual e recorrente de ruptura dos padrões estilísticos no discurso publicitário se caracteriza por uma intertextualidade tipológica, ou seja, pela incorporação de características de outros gêneros. Cita exemplos de anúncios em relação de intertextualidade tipológica com bulas de remédio, contos de fadas, textos de doutrinação religiosa. Para Fix, a ruptura evidencia a consciência do padrão desrespeitado e de suas diferenças em relação a outros padrões, já que a transgressão dos limites coloca em evidência a existência desses mesmos limites. No caso da ruptura do estilo do gênero que se dá via intertextualidade intergenérica, os estilos dos dois gêneros em questão devem ser reconhecíveis, como condição de interpretabilidade. A ruptura de um padrão para obter determinados efeitos de sentido se dá pela transposição de características associadas à composição e ao estilo de um gênero diverso.

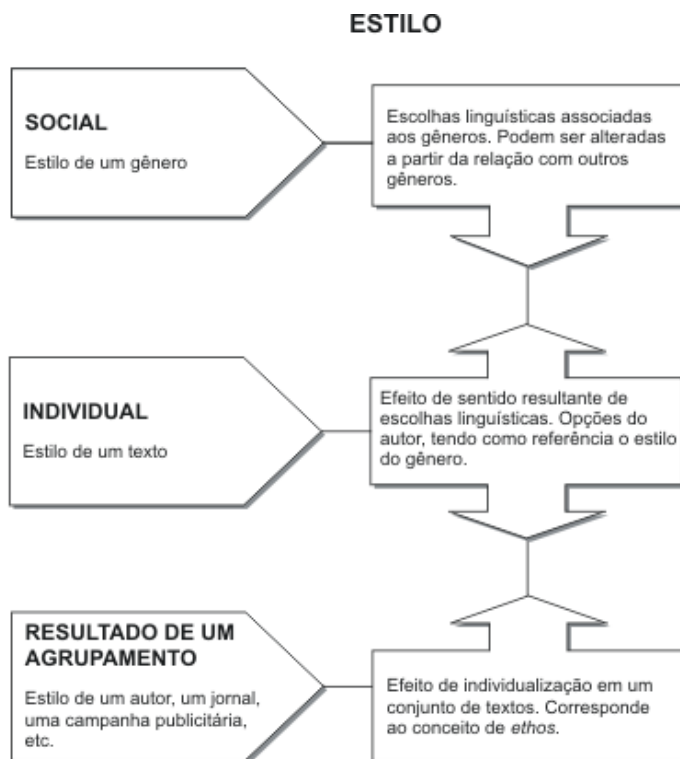
A partir da contribuição desses autores, assumimos que a relação entre estilo e gênero deve ser analisada em três níveis. O primeiro corresponde à dimensão social do estilo, caracterizada por Bakhtin (1992) como estilo do gênero. A associação estável entre determinadas formas linguísticas e os gêneros é resultado de uma elaboração histórica e social, sempre em relação estreita com campos específicos de atividades.

Em um segundo nível de análise, o estilo é abordado em uma dimensão individual e corresponde às escolhas linguísticas do enunciador, em um contexto particular, tendo em vista a obtenção de um efeito de sentido. A perspectiva de que o estilo individual resulta de escolhas a partir de um leque de possibilidades (POSSENTI, 1988) deve ser refinada para especificar que as possibilidades de escolhas têm balizas específicas em cada gênero discursivo e que as formas linguísticas têm seus usos já consolidados historicamente de forma diferenciada nos diversos gêneros discursivos.

Um terceiro nível de análise do estilo incorpora as contribuições de Fiorin (2008) e Discini (2004): trata-se da análise elaborada a partir de um agrupamento de textos efetivamente produzidos em condições sócio-históricas determinadas, tendo em vista identificar o estilo de um autor, uma época, uma campanha publicitária, um jornal, revista, etc. Nesse caso,

o estilo é identificado com a imagem projetada discursivamente pelo autor, ou seja, com seu *ethos*.

O Quadro 1 sintetiza esses níveis.



QUADRO 1 – Relação entre estilo e gênero

Aplicando este esquema ao estudo do estilo no campo jornalístico, pode-se observar uma diferença entre os diversos gêneros veiculados pelos jornais e revistas: na maioria dos gêneros da mídia impressa (notícias, reportagens, editoriais, anúncios classificados, etc.) a coerção do estilo do gênero é muito forte, como se pode observar a partir das orientações contidas nos manuais de redação e estilo; já nos artigos de opinião, os autores têm maior flexibilidade para fazer escolhas pessoais e imprimir nos textos características do seu estilo individual. Assim, os editoriais, notícias e reportagens são uma fonte interessante para se estudar o estilo do jornal ou revista; já os artigos de opinião permitem caracterizar o estilo do jornalista x, y ou z.

Para aprofundar esta questão, selecionamos inicialmente um conjunto de artigos produzidos por dois jornalistas: Diogo Mainardi, que publica seus artigos de opinião na *Veja*, revista semanal de ampla circulação, e Clóvis Rossi, que publica sua coluna regularmente no jornal *Folha de S. Paulo*. No

período de setembro de 2007 a agosto de 2008, coletamos três artigos por mês de cada um, perfazendo 72 textos. Procuramos com isso obter uma amostra representativa da produção dos dois autores, com variação temática e marcas da interlocução com diversas vozes ao longo de um ano, o que possibilita a análise de dois estilos de expressão da intertextualidade.

3. A FORMA DE EXPRESSÃO DA INTERTEXTUALIDADE COMO UMA MARCA DO ESTILO

Os artigos de opinião tratam de temas variados que estejam em evidência na mídia e fazem referência constante a eventos de interesse social e a personalidades que se destaquem na política, arte, esportes, cultura, ciência. Os discursos dessas pessoas (suas declarações, entrevistas, artigos, livros) tornam-se temas recorrentes nas colunas assinadas dos jornais e revistas. Boa parte dos artigos de opinião toma como mote afirmações recentes que tenham sido divulgadas na própria mídia. A expressão do ponto de vista do autor é construída em uma relação dialógica com os discursos de pessoas públicas que tenham tratado dos mesmos temas, em uma relação de heterogeneidade mostrada (AUTHIER-REVUZ, 1982). A leitura dos artigos de opinião confirma a definição de Voloshinov (1992, p. 155): “Discurso citado é *discurso no discurso, enunciado dentro de outro enunciado*, mas é ao mesmo tempo *discurso sobre outro discurso, enunciado a respeito de outro enunciado*.” (grifos do autor) Uma das manifestações mais interessantes do estilo no texto de opinião é a escolha que o autor faz da forma de expressão da intertextualidade, visto que há diversas formas de introduzir no texto a palavra alheia e que a opção por uma ou outra produz efeitos de sentido distintos.

O fenômeno textual que focalizamos aqui já foi objeto de múltiplos estudos e abordagens, e aparece na literatura sob diversos nomes, os quais remetem a diferentes reflexões sobre o mesmo fato: dialogismo, intertextualidade, citação, heterogeneidade mostrada e constitutiva. Analisamos aqui apenas casos de intertextualidade explícita, em que se pode observar a presença no texto de fragmentos atribuídos explicitamente a um outro enunciado. Esses casos são interessantes para o estudo do estilo, porque o autor pode obter efeitos de sentido diferenciados a partir da maneira como apresenta o discurso alheio. As formas de expressão da intertextualidade representam o “como”, a “maneira de dizer” que revela a “maneira de ser” e contribuem para apresentar discursivamente o *ethos* do autor.

A partir de Koch, Bentes e Cavalcante (2007) e Bazerman (2006), adotamos o seguinte esquema para identificar as formas mais comuns de expressão da intertextualidade encontradas nos artigos de opinião:

- a) Citação direta, com indicação da autoria das palavras citadas, identificada por marcas tipográficas específicas, como aspas, adentramento de parágrafo e uso de fontes diferenciadas.
- b) Citação indireta, em geral com a especificação da fonte, reprodução do sentido original e uso de expressões que reflitam a perspectiva daquele que cita diante do texto citado.
- c) Menção a textos orais (declarações, comentários, entrevistas, etc.) ou escritos (livros, reportagens, documentos, etc.) sem a reprodução direta ou indireta do seu conteúdo.
- d) Uso de estilos ou expressões que evocam determinadas pessoas, grupos ou documentos específicos.

Como pretendemos avaliar o efeito da escolha por uma ou outra forma de expressão da intertextualidade, é importante ter como ponto de partida um esquema classificatório que permita comparar as escolhas feitas pelos dois autores.

4. DOIS ESTILOS DE EXPRESSÃO DA INTERTEXTUALIDADE

Para a comparação entre os estilos de Diogo Mainardi e Clóvis Rossi, vamos examinar a forma de expressão da intertextualidade em dois artigos que foram publicados na mesma época: “No Iraque, é melhor” (31 out. 2007), de Mainardi e “Quem pare a violência” (27 out. 2007), de Rossi. Ambos foram motivados por uma entrevista do governador do Rio de Janeiro – Sérgio Cabral Filho – ao jornal *O Globo*, publicada na edição *on line* de 24 de outubro de 2007. Os dois articulistas fazem referência aos seguintes trechos da entrevista:

São duas questões que têm a ver com violência: uma é a questão das drogas que é mais internacional. O Brasil deve contribuir. A outra é um tema que, infelizmente, não se tem coragem de discutir. É o aborto. A questão da interrupção da gravidez tem tudo a ver com a violência pública. Quem diz isso não sou eu, são os autores do livro *Freakonomics* (Steven Levitt e Stephen J. Dubner). Eles mostram que a redução da violência nos EUA na década de 90 está intrinsecamente ligada à legalização do aborto em 1975 pela suprema corte americana. (...)

Você pega o número de filhos por mãe na Lagoa Rodrigo de Freitas, Tijuca, Méier e Copacabana, é padrão sueco. Agora, pega na Rocinha. É padrão Zâmbia, Gabão. Isso é uma fábrica de produzir marginal. Estado não dá conta. Não tem oferta da rede pública para que essas meninas possam interromper a gravidez. Isso é uma maluquice só.

(FILHO, 2007)

Vejam os artigos em que Mainardi dialoga com a entrevista de Sérgio Cabral. Para facilitar a identificação e a retomada dos trechos em que o autor faz citações, esses foram destacados em negrito e numerados.

No Iraque, é melhor

Diogo Mainardi

A favela da Rocinha é uma “fábrica de produzir marginais”.

[1] A frase é do governador Sérgio Cabral. Ele acrescentou que a Rocinha só vai parar de fabricar marginais quando o aborto for legalizado. [2] Finalmente um político admite que o maior problema do Brasil é o brasileiro. [3]

Na mesma reportagem, Sérgio Cabral comparou a Rocinha à Zâmbia. [4] Até aí tudo bem. Ninguém discute que a Rocinha seja igual à Zâmbia. Espantei-me apenas quando ele comparou Copacabana à Suécia. E o Méier à Suécia. [5]

Sérgio Cabral é nosso James Watson. James Watson, um dos descobridores da estrutura do DNA, declarou que o preto africano é menos inteligente do que o branco europeu. [6] Anteriormente, ele já declarara que os estudos genéticos permitiriam abortar todos os fetos defeituosos. [7] O governador do Rio de Janeiro descobriu o DNA da marginalidade entre os africanos da Rocinha e agora quer abortá-los. Segundo ele, ficaremos mais seguros. [8] Ficaremos mais inteligentes também?

Uma semana antes de Sérgio Cabral apresentar suas teorias eugenistas, [9] os policiais cariocas, a bordo de um helicóptero, mataram uns marginais no Morro da Coréia. A Secretaria de Segurança Pública explicou que seria difícil efetuar uma operação análoga nos morros da Zona Sul, [10] porque “um tiro em Copacabana é diferente de um disparado na Coreia”. [11] Copacabana é a Suécia. Ali só vale o aborto em massa.

No ano passado, o Brasil teve 44 663 assassinatos. [12] O dado acaba de ser publicado pelo governo federal. No mesmo período, de acordo com o site do *Iraq Coalition Casualty Count*, a guerra no Iraque produziu 18 665 mortes. [13] Os americanos alarmaram-se tanto com esse número que aceitaram mandar mais 30 000 soldados para lá. O resultado? Em fevereiro de 2007, quando as novas tropas desembarcaram no país, registraram-se 3 014

mortes. Em agosto, elas já haviam diminuído para 1 674. Em setembro, 848. Em outubro, até a última quinta-feira, morreram 531 iraquianos. [14]

Consulto todos os dias o site do *Iraq Coalition Casualty Count*, onde cada confronto fatal recebe um código e uma ficha de ocorrência. A ficha k7633 relata a morte de um professor da universidade religiosa de Al Sadr. [15] A ficha k7634 assinala dois cadáveres encontrados em Al Kifl. [16] Os americanos parecem se preocupar mais com os assassinatos de iraquianos do que os brasileiros com os assassinatos de brasileiros.

Pior do que a ideia de Sérgio Cabral de abortar os marginais zambianos da Rocinha [17] só mesmo o Pro-nasci, aquela ideia de Lula de dar um dinheirinho mensal aos marginais para evitar que eles cometam crimes. [18] O programa foi apelidado de Bolsa Bandido ou Bolsa Pivete. [19] Prefiro chamá-lo mais simplesmente de Bolsa Júlio Lancellotti.[20]

Cedo ou tarde o Iraque será pacificado e a autoridade local poderá comparar Al Kifl à Suécia. A Zâmbia de Sérgio Cabral e Lula continuará com seus 44 663 assassinatos. Se tudo correr bem.

(MAINARDI, 2007)

Em seu artigo, Mainardi compara dois países com altos índices de violência: o Iraque, em plena guerra, e o Brasil. Em sua argumentação, afirma que a violência no Brasil é pior do que no Iraque, tanto na comparação entre o número de mortos quanto nos resultados das ações que busquem reverter os índices de violência. A argumentação do autor é construída essencialmente a partir de citações.

Antes da análise das formas de intertextualidade explícita encontradas no artigo de Mainardi e da relação entre essas formas e o estilo do autor, mostramos no Quadro 2 a correspondência entre os trechos assinalados no artigo, a forma de expressão usada e a quem é atribuída cada uma das afirmações destacadas. Na reprodução dos trechos destacamos em negrito as expressões usadas para introduzir o discurso alheio.

O dono da voz	Forma de expressão	Trecho
Sérgio Cabral	Citação direta	A favela da Rocinha é uma “fábrica de produzir marginais”. [1]
Sérgio Cabral	Citação indireta	A Rocinha só vai parar de fabricar marginais quando o aborto for legalizado. [2]
Sérgio Cabral	Uso de expressão que evoca outro discurso	Finalmente um político admite que o maior problema do Brasil é o brasileiro. [3] [Paródia do <i>slogan</i> usado em campanha do governo Lula: “O melhor do Brasil é o brasileiro”.]
Sérgio Cabral	Citação indireta	... comparou o Brasil à Zâmbia. [4]
Sérgio Cabral	Citação indireta	...ele comparou Copacabana à Suécia. E o Méier à Suécia. [5]
James Watson	Citação indireta	... declarou que o preto africano é menos inteligente do que o branco europeu. [6]
James Watson	Citação indireta	...já declarara que os estudos genéticos permitem abortar todos os fetos defeituosos. [7]
Sérgio Cabral	Citação indireta	Segundo ele , ficaremos mais seguros. [8]
Sérgio Cabral	Menção	... apresentar suas teorias eugenistas. [9]
Secretaria de Segurança Pública	Citação indireta	...seria difícil efetuar uma operação análoga nos morros da Zona Sul... [10]
Secretaria de Segurança Pública	Citação direta	porque “um tiro em Copacabana é diferente de um disparado na Coréia”. [morro da Coréia][11]
Governo Federal	Citação indireta	No ano passado, o Brasil teve 44 663 assassinatos. [12]
Iraq Coalition Casualty Count	Citação indireta	No mesmo período (...), a guerra no Iraque produziu 18 665 mortes. [13]
Iraq Coalition Casualty Count	Citação indireta	Em fevereiro de 2007, quando as novas tropas desembarcaram no país, registraram-se 3 014 mortes. Em agosto, elas já haviam diminuído para 1 674. Em setembro, 848. Em outubro, até a última quinta-feira, morreram 531 iraquianos. [14]
Iraq Coalition Casualty Count	Citação indireta	A ficha k7633 relata a morte de um professor da universidade religiosa de Al Sadr. [15]
Iraq Coalition Casualty Count	Citação indireta	A ficha k7634 assinala dois cadáveres encontrados em Al Kifl.[16]
Sérgio Cabral	Citação indireta	...a ideia de Sérgio Cabral de abortar os marginais zambianos da Rocinha... [17]
Lula	Citação indireta	...o Pro-nasci, aquela ideia de Lula de dar um dinheirinho mensal aos marginais para evitar que eles cometam crimes. [18]
Não explicitado	Citação indireta	O programa foi apelidado de Bolsa Bandido ou Bolsa Pivete. [19]
Não explicitado	Alusão	Bolsa Júlio Lancellotti. [referência ao episódio da extorsão do padre por um ex-interno da FEBEM][20] ¹

QUADRO 2 – Formas de expressão da intertextualidade no artigo de Diogo Mainardi

1 Em agosto de 2007 o padre Júlio Lancellotti, conhecido por sua atuação junto a moradores de rua em S. Paulo, denunciou ter sido vítima de extorsão no valor de 50 mil reais. Em 9 out. 2007, em depoimento, o padre acusou Anderson Marcos Batista, ex-interno da FEBEM, de liderar a quadrilha responsável pela extorsão.

Observemos, inicialmente, a quem o autor dá voz. As 11 primeiras citações do texto são usadas para retomar e desqualificar as afirmações de Sérgio Cabral sobre a violência no Rio de Janeiro, seja citando as palavras do governador e de sua equipe de governo (Secretaria de Segurança), seja retomando afirmações do biólogo James Watson para mostrar sua semelhança com as opiniões de Cabral, e concluir que a proposta do governador para reduzir a violência é eugênica.² As citações 12 a 16 fazem a comparação entre os índices de violência entre os dois países a partir de dados oficiais do Governo Federal e do *Iraq Coalition Casualty Count*, e destacam a “eficiência” (redução do número de mortos) do aumento da presença de tropas americanas no Iraque. As citações incorporadas ao final do artigo (17 a 20) funcionam como argumentos para o autor afirmar que a falta de propostas para combater a violência no Brasil não está restrita ao Rio de Janeiro: há novamente citação de Cabral e afirmações atribuídas a Lula. Por fim são feitas duas citações cuja responsabilidade não é explicitada, que podem ser interpretadas como a voz do senso comum (no caso das expressões introduzidas por “foi apelidado”) e como uma menção vaga a uma notícia que foi amplamente divulgada na mídia: o episódio de extorsão do padre Júlio Lancellotti por um ex-interno da FEBEM.

Esse artigo de Mainardi é representativo de opções que são recorrentes na produção desse autor: citar principalmente políticos (em especial aqueles ligados ao governo) e pessoas em evidência na mídia³ que tenham posições opostas às suas. Observe-se que as únicas citações usadas para sustentar a tese são os dados oficiais sobre o número de mortes violentas no Brasil e no Iraque.

A forma preferida por Mainardi é a citação indireta (15 ocorrências), sendo as demais claramente minoritárias. As escolhas das formas de citação têm efeitos sobre o tratamento do tema e a construção do *ethos* do autor. A preferência pelas citações indiretas permite que os discursos sejam filtrados pela interpretação do jornalista, que apresenta seu ponto de vista sobre os discursos alheios ao mesmo tempo em que os insere no texto. Uma estratégia usada por Mainardi é eliminar os modalizadores dos discursos originais para obter o efeito de afirmações mais diretas e contundentes. É o que se observa quando cita Cabral “Ele acrescentou que a Rocinha só vai

2 Mainardi não toma como tema central do seu artigo a tese de Sérgio Cabral de que a legalização do aborto seria uma medida eficaz para a redução da violência no Rio de Janeiro. O jornalista afirma reiteradamente em outros artigos que é contra o aborto em quaisquer circunstâncias, como se pode ver em *Um aborto é igual ao outro*. (MAINARDI, 2008)

3 As afirmações de James Watson sobre a diferença de inteligência entre brancos e negros foram divulgadas em 14 de outubro de 2007, na semana anterior à entrevista de Sérgio Cabral; as notícias sobre a extorsão do padre Júlio Lancellotti ocuparam espaço na mídia duas semanas antes da publicação do artigo de Mainardi.

parar de fabricar marginais quando o aborto for legalizado” (comparar com a entrevista ao jornal *O Globo*) e também na citação de Watson: “... declarou que o preto africano é menos inteligente do que o branco europeu.”⁴ Outra estratégia é a escolha de verbos introdutórios das citações, que permitem ao jornalista indicar a autoria do discurso e simultaneamente atribuir atos de fala às pessoas citadas: declarar, acrescentar, admitir, explicar, comparar.

Mainardi mescla sua opinião às citações e a forma mais contundente de fazer isso está nos casos em que faz menção a discursos através de expressões claramente avaliativas: refere-se às declarações de Sérgio Cabral como “teorias eugenistas” ou atribui a Lula a proposta de uma “Bolsa Bandido”, “Bolsa Pivete” ou “Bolsa Júlio Lancellotti”.

O *ethos* de Mainardi neste, como nos demais artigos de opinião que compõem nossa amostra, é de alguém insatisfeito, ácido, crítico, destrutivo, preocupado em apresentar uma imagem sempre negativa do Brasil, do povo brasileiro e especialmente do governo Lula.

Para a comparação com o uso de citações por Mainardi, passemos à análise de um artigo publicado por Clóvis Rossi na mesma semana e tomando como mote a mesma declaração de Sérgio Cabral.

Quem para a violência

Clóvis Rossi

Não conheço o governador do Rio, Sérgio Cabral Filho. Não sei se sua gestão é boa, ruim ou péssima, mas é indiscutível que o rapaz é corajoso, ao menos no falar. Toca em assuntos tabus, como foi o caso, mal assumiu, da presença das Forças Armadas no combate à violência urbana.

Agora Cabral entra no pantanoso terreno da suposta ligação entre a fertilidade das mães pobres e a criminalidade. **Sua teoria de que as taxas de fertilidade de mães faveladas são “uma fábrica de produzir marginal” é de um preconceito notável.** [1]

Pode-se dar mil voltas à frase, mas ela equivale a dizer que pobre gera marginal e ponto final. [2]

Mas há outra parte da frase que merece um segundo olhar. É quando o governador diz que parte das mães moradoras de áreas carentes “está produzindo crianças, sem estrutura, sem conforto familiar e material”. [3] E acrescenta que essas mulheres não receberam “orientação do governo em questões de planejamento familiar dos órgãos de saúde”. [4] Muito bem. Primeiro ponto: falta de “estrutura” e de “conforto familiar”

4 James Watson declarou literalmente ao jornal britânico *The Sunday Times*: “Todas as nossas políticas sociais são baseadas no fato de que a inteligência deles [dos negros] é igual à nossa, apesar de todos dizerem que não. [...] Pessoas que já lidaram com empregados negros não acreditam que isso [a igualdade de inteligência] seja verdade.” (D’ADESKI, 2007)

não é problema só de famílias carentes. [5] Há famílias que têm e oferecem “**conforto material**”, [6] o que não impede que os filhos sejam criminosos. Basta ver a lista dos chamados criminosos de colarinho branco, **de amplo “conforto material”**. [7] Podem até não ser violentos, mas são delinquentes.

Segundo ponto: planejamento familiar é, de fato, um problema a ser enfrentado, não para que os pobres tenham menos filhos porque são pobres, mas para que tenham filhos aos quais possam oferecer as melhores condições possíveis dentro da realidade brasileira.

Tudo somado, de fato, o Brasil é “uma fábrica de produzir marginal”, [8] mas a culpa não é das “**parideiras**” [9] e sim de uma estrutura social obscena e de um Estado incapaz de impor o monopólio da coerção que lhe é inerente.

(ROSSI, 2007)

No seu artigo, Rossi toma como ponto de partida a declaração do governador do Rio de Janeiro de que as mães faveladas são “uma fábrica de produzir marginal” para se posicionar sobre as causas da violência no Brasil. O jornalista rejeita a posição de Cabral de que a causa da violência seriam as altas taxas de natalidade entre os pobres, usando como principal argumento a afirmação de que a criminalidade está presente também entre pessoas que têm boas condições materiais. Opõe-se também à justificativa apresentada por Sérgio Cabral para defender a legalização do aborto: usa uma expressão menos marcada – “controle de natalidade” – e afirma a necessidade de medidas para reduzir a natalidade, mas não com o objetivo de reduzir a violência. Por fim, retoma parcialmente a afirmação de Cabral, mas fazendo um deslocamento que é crucial: o predicado “fábrica de produzir marginal” não é atribuído às mulheres das favelas cariocas, mas ao Brasil inteiro. Assim, o texto de Rossi é marcado por um diálogo com Sérgio Cabral, em movimentos de rejeição parcial, reformulação e adesão também parcial.

Vejamos de forma mais detalhada como as citações são apresentadas no artigo de Rossi, em um esquema análogo ao usado para o artigo de Diogo Mainardi.

O dono da voz	Forma de expressão	Trecho
Sérgio Cabral	Citação direta	Sua teoria de que as taxas de fertilidade de mães faveladas são “uma fábrica de produzir marginal” é de um preconceito notável. [1]
Sérgio Cabral	Citação indireta	ela equivale a dizer que pobre gera marginal e ponto final. [2]
Sérgio Cabral	Citação direta	... o governador diz que parte das mães moradoras de áreas carentes “está produzindo crianças, sem estrutura, sem conforto familiar e material”. [3]
Sérgio Cabral	Citação direta	E acrescenta que essas mulheres não receberam “orientação do governo em questões de planejamento familiar dos órgãos de saúde”. [4]
Sérgio Cabral	Citação direta	Primeiro ponto: falta de “estrutura” e de “conforto familiar” não é problema só de famílias carentes. [5]
Sérgio Cabral	Citação direta	... que têm e oferecem “conforto material” [6]
Sérgio Cabral	Citação direta	... de amplo “conforto material” [7]
Sérgio Cabral	Citação direta	Tudo somado, de fato, o Brasil é “uma fábrica de produzir marginal...” [8]
Sérgio Cabral	Citação indireta	a culpa não é das “parideiras” [9]

QUADRO 3 – Formas de expressão da intertextualidade no artigo de Clóvis Rossi

É possível observar, inicialmente, que Clóvis Rossi é muito mais parcimonioso ao inserir citações no seu texto. Neste artigo, ele cita basicamente Sérgio Cabral. A forma preferencial de inserir as palavras alheias no texto é a citação direta, com o uso de aspas para delimitar as afirmações que não são de sua responsabilidade. No único caso em que insere uma citação indireta, o jornalista afirma explicitamente que está fazendo uma paráfrase da frase de Cabral. A preocupação em delimitar o discurso do outro com aspas pode ser observada em todo o texto, tanto que Rossi destaca a palavra “parideiras” para isentar-se da responsabilidade de utilizá-la para designar as mulheres pobres.

Na inserção das citações diretas, Rossi usa poucos verbos *discendi* e dá preferência àqueles menos marcados, que indicam de quem é a responsabilidade sobre o dito, sem enfatizar o ato de fala realizado: dizer, acrescentar.

O efeito das escolhas feitas por Rossi ao inserir as citações em seu texto é de apresentar-se como um jornalista que preza sua autonomia ao citar os discursos alheios. Ele se apresenta como alguém que tem uma postura crítica diante dos fatos e manifesta essa posição marcando claramente o que é de sua responsabilidade e o que não é. Esse *ethos* da autonomia e da crítica talvez explique o uso parcimonioso das citações no conjunto de artigos de opinião assinados por ele e por nós coletados durante um ano.

5. CONCLUSÕES

Apresentamos, a partir dos dois artigos selecionados, dois estilos de uso das citações no artigo de opinião e de construção discursiva do *ethos*, duas “maneiras de dizer” que revelam (ou criam discursivamente) duas “maneiras de ser”. Para fazer a caracterização do estilo de cada um dos autores, procuramos confirmar e complementar as conclusões mediante o exame do conjunto de textos representativos da produção dos dois autores durante um ano.

O conjunto de artigos examinados mostra que Mainardi cita preferencialmente pessoas que estejam em evidência na mídia, que tenham sido citados poucos dias antes por alguma razão. Em geral, prefere citar pessoas que tenham posições políticas diferentes da sua. Apresenta-se como um jornalista declaradamente de direita e cita o presidente Lula e políticos ligados ao Partido dos Trabalhadores em praticamente todos os artigos selecionados. Faz um uso intenso de citações em seus artigos, como um recurso para denunciar, criticar ou ridicularizar as posições políticas diferentes da sua. Através do discurso indireto, Mainardi apresenta ao leitor os discursos alheios integrados à interpretação que faz deles, sem se preocupar com a objetividade ou o distanciamento.

Os artigos de Clóvis Rossi selecionados para a nossa pesquisa revelam preferências bem diferentes das de Diogo Mainardi. Em primeiro lugar, observa-se um leque mais amplo na escolha dos citados, são pessoas de variadas posições políticas e áreas de atuação, que tenham sido protagonistas de algum evento noticiado nos dias anteriores. O volume de citações em seus artigos é muito baixo, mesmo assim todos os artigos selecionados contêm alguma citação. Rossi tem uma clara preferência pelo discurso direto e opta muitas vezes por delimitar o discurso alheio apenas com o uso de aspas. As expressões introdutórias, quando usadas, dificilmente explicitam atos de fala; em geral têm o efeito de indicar a autoria. A preferência pelo discurso direto e a forma como Rossi delimita nos artigos o que é de sua responsabilidade e o que não é lhe permitem fazer claramente a separação entre os pontos de vista pessoais e os manifestos nos discursos alheios.

O Quadro 4 sintetiza as diferenças entre os estilos de Rossi e Mainardi.

	Clóvis Rossi	Diogo Mainardi
A quem o autor dá voz	Pessoas que estejam em evidência na mídia	Pessoas que estejam em evidência na mídia, especialmente políticos comprometidos com o governo Lula
Volume de citações	Índice muito baixo	Uso intenso
Efeito das citações	Indicar a responsabilidade pelo dito	Criticar, ridicularizar, denunciar
Opinião do autor	Claramente separada das citações	Expressa principalmente pela citação indireta
Forma de expressão preferencial	Discurso direto	Discurso indireto
Efeito das expressões introdutórias das citações	Indicar a autoria	Indicar a autoria e os atos de fala
<i>Ethos</i> projetado	Crítico, responsável, independente	Ácido, crítico, insatisfeito, destrutivo

QUADRO 4 – Dois autores, dois estilos de expressão da intertextualidade, duas imagens de si projetadas discursivamente

Resta ainda uma questão que nossa análise não deixou suficientemente clara: é possível falar de um estilo do gênero artigo de opinião em relação às formas de expressão da intertextualidade? Examinamos durante um ano artigos de opinião escritos por quatro jornalistas e foi possível constatar a presença de citações em todos os textos desse gênero, o que nos permite concluir que os artigos de opinião estabelecem sempre um diálogo explícito com os discursos que estejam em evidência no momento de sua produção/circulação. Já quanto às formas de expressão da intertextualidade, esse gênero apresenta uma flexibilidade que possibilita a cada autor fazer escolhas que resultem em efeitos de sentido diversos no tratamento do tema e na construção discursiva do seu *ethos*.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. *DRLAV*, 26. Paris: Centre de Recherche de l'Université de Paris VIII, p. 91-151.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. S. Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. OFFNAGEL, J.C.; DIONÍSIO, A.P. (orgs). S. Paulo: Cortez, 2006.

D'ADESKI, Jacques. Ciência e consciência. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 28 out. 2007. Seção Opinião. Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2810200708.htm> >. Acesso em 23/1/2014.

DISCINI, Norma. *O estilo nos textos*. São Paulo: Contexto, 2004.

FILHO, S. C. Cabral defende aborto contra violência no Rio de Janeiro. *O Globo*, Rio de Janeiro, 24 de out. 2007. Entrevista. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL155710-5601,00-CABRAL+DEFENDE+ABORTO+CONTRA+VIOLENCIA+NO+RIO+DE+JANEIRO.html>>. Acessado em 23/1/2014

FIORIN, José Luiz. *Em busca do sentido: Estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.

FIX, Ulla. O cânone e a dissolução do cânone. A intertextualidade tipológica – um recurso estilístico “pós-moderno?”. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 14, n.º 1, jan./jun. 2006, p. 261-281.

KOCH, Ingedore G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. S. Paulo: Cortez, 2007.

MAINARDI, Diogo. No Iraque, é melhor. *Veja*. São Paulo, ed. 2032, p. 135, 31 out. 2007.

_____. Um aborto é igual ao outro. *Veja*. São Paulo, ed.2077, p.153, 10 set. 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. Curitiba: Criar, 2006.

_____. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (org.) *Imagens de si no discurso*. S. Paulo: Contexto, 2005.

_____. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (org.) *Ethos discursivo*. S. Paulo: Contexto, 2008.

POSSENTI, Sírio. *Discurso, estilo e subjetividade*. S. Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. Índícios de autoria. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 105-124, jan./jun. 2002.

ROSSI, Clóvis. Quem pare a violência. *Folha de São Paulo*. São Paulo, p.A2, 26 out. 2007.

VOLOSHINOV, Valentin N. *El marxismo y la filosofía del lenguaje*. Madrid: Alianza Editorial, 1992.

Submetido em: 21/02/2013

Aceito em: 13/12/2013